

MODELO, IMAGEM E MEMÓRIA DE PROFESSORAS/ES EM LITERATURA BRASILEIRA

Ulysses Rocha Filho ¹

RESUMO

O romance "O Professor", de Cristóvão Tezza apresenta a tessitura de um enredo ficcional, tendo como parâmetro a figura do professor Heliseu, de Filologia Românica resgatando imagem, memória e discurso deste homenageado em uma universidade. do Destarte, objetiva-se, a partir desse romance, resgatar a história de outros personagens professores e/ou educadores brasileiros (Berta – *Til*, José de Alencar; Aristarco – *o Ateneu*, Raul Pompéia; Dona Benta – *Reinações de Narizinho*, Monteiro Lobato; Madalena – *São Bernardo*, Graciliano Ramos; Abdias – *Abdias*, Cyro dos Anjos; tantos outros). Iniciador dos processos de aprendizagem, Heliseu é Professor Universitário se aposentando, tem, como função, ser intermediário e formação constante entre os alunos e o futuro da sociedade em que se vive. Segundo BACK, bom professor é aquele que vai do fácil para o difícil; coloca-se ao nível dos alunos e procura elevá-los; ensina com paciência e carinho infinitos (1987, p. 172/3). Sabe-se não existe prática sem sujeito - e para que sejam referências aos (atuais) profissionais da educação, questionando e incentivando-os a ir além de suas limitações burocráticas, buscando uma metodologia de intercâmbio interdisciplinar, uma transformação social a partir de textos teóricos da educação e textos literários. A presente interlocução, baseada nos preceitos literários e pedagógicos, é produto parcial do projeto de pesquisa "A figura do professor na literatura brasileira – primeiros momentos", registrada sob nº 29568/SAPP-UFCAT.

Palavras-chave: Letramento literário, memória, Professor, ensino.

INTRODUÇÃO

Cristovão Cesar Tezza nasceu em Lages, Santa Catarina, mas, acompanhando a família, mudou-se com oito anos de idade para Curitiba, no Paraná, onde vive até hoje. Em dezembro de 1974, foi para Portugal, matriculado no Curso de Letras da Universidade de Coimbra. Retornando ao Brasil em 1976, abriu uma oficina de concertos de relógios em Antonina, que abandonou em pouco tempo. Casou-se em 1977, ingressando finalmente na Universidade. Formou-se em Letras em 1982, na

¹ Professor do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Federal de Catalão (UFCAT) – email: ulysses_filho@ufcat.edu.br

Universidade Federal do Paraná. Fez mestrado em Literatura Brasileira na UFSC (1984), onde começou a dar aulas de Língua Portuguesa como professor auxiliar. Em 1986, entrou para o Departamento de Linguística da UFPR, também na área de Língua Portuguesa, onde foi professor até 2009, quando se demitiu para se dedicar exclusivamente à literatura. Na área acadêmica, publicou sua tese de doutorado (USP, 2002) "Entre a prosa e a poesia - Bakhtin e o formalismo russo" (Editora Rocco, 2003; Amazon Kindle, 2014) e é autor dos livros didáticos *Oficina de Texto (Vozes)* e *Prática de Textos (Vozes)*, em parceria com o linguista Carlos Alberto Faraco. Romancista, contista, cronista e ensaísta,

Tezza é autor de mais de 20 livros publicados no Brasil. Suas obras já foram traduzidas em 18 países, como China, Estados Unidos, Noruega, México, Eslovênia e Inglaterra. A tradução inglesa de seu romance "O filho eterno" (*The eternal son*, Ed. Scribe) foi finalista do prêmio IMPAC-Dublin. Durante muitos anos assinou resenhas e textos críticos nos jornais Folha de S.Paulo, O Globo e O Estado de S.Paulo, e na revista Veja, e foi cronista semanal do jornal curitibano Gazeta do Povo.

Este artigo é um recorte de obras da literatura brasileira - em especial do romance *O Professor* (publicado em 2014), do catarinense Cristóvão Tezza² - que apresentam protagonistas como personagens professores, incluindo métodos de ensino, tendo em vista o desenrolar histórico da educação brasileira além de uma visão parcial de Profissionais da educação frente às salas de aula em idos de reclusão e censuras morais pelas quais, a maioria perpassam.

O letramento literário se define como práticas sociais que usam a escrita literária, considerando diversos contextos embora se destaquem no ambiente escolar, portanto os filmes, seriados, gibis, best-sellers e demais práticas relacionadas, são consideradas práticas de letramento. Faz-se necessário, analisarmos a prática literária levando em consideração o interesse do aluno em relação a leitura e a proposta do professor ao utilizar as obras clássicas que influênciam o educando a busca do conhecimento das obras passadas.

Assim, escrever a respeito da figura de professor(a) parece mais complexo do que se pode imaginar e, certamente a complexidade aumenta quando o parâmetro para

² No presente estudo, a figura ressaltada é masculina. Entretanto, em demais obras prevalece a presença da mulher. De qualquer forma, em se tratando do perfil do(a) Educador/Professor(a) cremos que a representação abarca tanto a figura do homem quanto da mulher que exerce a função do magistério.

a definição parte do princípio de que é aquele que tem o papel de ensinar. Neste verbo *ensinar* temos muitos pressupostos: em primeiro lugar está a concepção que este profissional do ensino tem uma identidade e nela sua opção pelo magistério (perceptível em Berta, a protagonista do romance *Til*, de José de Alencar); em segundo lugar que é um profissional que tem o papel de levar o conhecimento construído e herdado pela humanidade a todos os cidadãos (aí encaixamos o nosso Abdias); em terceiro lugar é um profissional que não tem sido alvo de políticas públicas que valorizem sua escolha profissional (por exemplo, a professora Fräulein do modernista Mário de Andrade, *Amar Verbo Intransitivo*) e uma educação essencialmente de qualidade e, em quarto lugar, é um profissional que precisa investir continuamente em sua formação, casos não contemplados nas obras elencadas. E, claro, as reminiscências biográficas de *Professor* universitário Heliseu.

O professor é a história de Eliseu da Motta e Silva, professor doutor de filologia romântica. Ele está em sua casa, se ajeitando mentalmente para uma ocasião única – homenageado na faculdade onde trabalha, se vê na cata de palavras para o discurso a ser feito para estudantes e docentes. Acompanhamos a (des)construção de seu raciocínio, serão só alguns minutos, mas ele pode contar uma história neles. Sua mente viaja: a opção pela filologia, esta disciplina abandonada por tantos desatentos e abraçada apaixonadamente por Eliseu.

Começando na UnB. Viram que prenderam uma porrada de estudantes? Não lembro o que eu respondi, ou se respondi - continuo com a saia discreta da folha A4 erguendo-se no mural de cortiça diante do café agora frio. Será que naquele tempo eu já sentia o tédio mortal da política brasileira? Como um português da Colônia, sempre estive aqui de passagem. Não, acho que não – o tédio é um sedimento de décadas. Um *sedimento*, não um *sentimento*, observem (de novo na sala de aula) a nasalização da vogal seguida do ensurdecimento da consoante _ *sêdi* _ *sênti*. Não. Naquele tempo, senhores – acho que senhores é no fim das contas mais elegante que *colegas*, não disfarça nada, mantém o protocolo e a distância, não preciso nem mais simular gentileza nem agredir ninguém, *senhores* _, naquele tempo eu ainda tinha o sangue quente. (TEZZA, p. p. 14)

O professor Heliseu será homenageado pela universidade que dedicou a maior parte de sua vida. A trama de *O Professor* se passa em uma única manhã, e a narrativa, quase que inteiramente em primeira pessoa, é conduzida pelas lembranças fragmentárias do professor Heliseu. Uma memória individual que se torna coletiva.

Enquanto prepara o discurso de agradecimento é tomado por uma sucessão

incontrolável de memórias e revisita momentos nem sempre felizes de sua vida: a convivência com o pai rígido; a morte da mãe; o tempo no seminário; o casamento com Mônica; o relacionamento conturbado com o filho; a paixão pela misteriosa Therèze e os percalços inusitados de sua carreira enquanto Professor em um período histórico do Brasil em que houve resquíscios da II Guerra Mundial e dos tempos da ditadura militar.

Acho que todas as pessoas do mundo deveriam receber esta medalha, independentemente do que fizeram na vida, sejamos generosos, deveriam receber medalha só pela oportunidade de, numa rápida cerimônia de acerto de contas, um pré-juízo final, rever a vida em poucas palavras, aquela essência que sempre nos falta, o tiquinho de nada que, se a gente chegasse lá, tudo resolvia com tranquilidade. (...) Deus não joga dados, joga? (TEZZA, p. 71)

As lembranças se cruzam com a história do Brasil, desde o regime militar até os governos mais recentes, e o acerto de contas de Heliseu com seu passado transforma-se também no acerto de contas de um país com sua história.

Enquanto a construção do discurso a ser proferido na cerimônia é o eixo narrativo principal, o motor é explicitamente a busca de sentido da vida. Apesar do recorrente retorno a fatos da história recente do Brasil, esse não é um romance em que a sociologia e a historiografia prevaleçam, mas sim uma profunda marca existencial.

Tezza realiza a proeza de aliar pleno domínio dos recursos narrativos a um instigante enredo que não deixa pontas soltas, intrigando o leitor até o final. Dessa maneira, a narrativa transcorre num turbilhão de ideias descompassadas. As que cabem ao eixo afetivo do protagonista deslindam os relacionamentos malogrados com a esposa Mônica e com Therèze, e mais ainda com o filho homossexual. Flagrá-lo numa cena com um colega o perturba profundamente. E os trechos reservados a entender essa relação são os melhores do livro, em especial aquele em que descreve a autoanulação que se inicia após o nascimento de um filho.

(...) por que, senhores, o professor se encantou por ela à primeira vista? Fechou os olhos, ponderando as possibilidades: um, porque eu estava disponível, o desejo da traição já vinha me tomando a alma há meses, esperando a sua presa, ou o seu momento, embora tudo não passasse de espera - nenhuma iniciativa. (...) É ela que me encontra - não tenho culpa. (...) e voltou a se concentrar em Therèze, que sorria diante dele, as pernas cruzadas, o mesmo sorriso ambíguo de quem pede desculpas mas aposta na própria graça para ser desculpada, a chantagem inocente da beleza: Desculpe, professor. (TEZZA, p. 134)

Diferente da modalidade mais comum de estudo que estabelece e descreve as relações entre a sociedade e as obras literárias, pesquisadores entenderam o fator social não como uma tensão que atua de fora para dentro, mas é dado composicional do próprio texto, que o estrutura e internaliza. Isto é, o traço social é tido como elemento que, fundamentalmente, atua na organização interna do romance, de maneira a compor o seu significado. O que antes era dissociado, de um lado fator externo, de outra estrutura, funde-se num bloco indissolúvel.

METODOLOGIA

Partindo do pressuposto de que a prática discursiva está inscrita no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas (PÊCHEUX, 1975, 213) e de que não existe prática sem sujeito, Pêcheux apresenta as diferentes modalidades de desdobramento entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, apontando para a questão do efeito do complexo das formações discursivas na forma- sujeito.

Durante os primeiros decênios do século XX, a educação brasileira vivia à sombra dos resquícios imperiais para que a política do *café-com-leite* sobressaísse a despeito da inércia do povo brasileiro. Convém lembrar que o Brasil teve um florescimento econômico tardio, mesmo na América Latina e que, durante o século XIX, era mais pobre que o Peru tendo o seu crescimento muito lento. Em 1913, a título de informação, a renda *per capita* da Argentina era 4,5 vezes mais alta que a brasileira. Só depois da Primeira Guerra Mundial é que a economia brasileira floresceu e, paulatinamente, o ideal educacional foi se institucionalizando _ o que pode ser detectado em *O Professor*: “Pois bem, eu vou dizer – e a ideia lhe deu uma euforia, como quem descobre a chave de sua vida, um momento de uma feliz palpitação, era isso que eu estava buscando para mim mesmo”. (TEZZA, p. 18)

No processo dialético entre texto e leitura, às vezes, é difícil a um leitor elaborar significações próximas às imaginadas pelo autor, tendo em vista os diferentes tipos de experiências pessoais e sociais. Escritor e leitor trabalham produzindo e

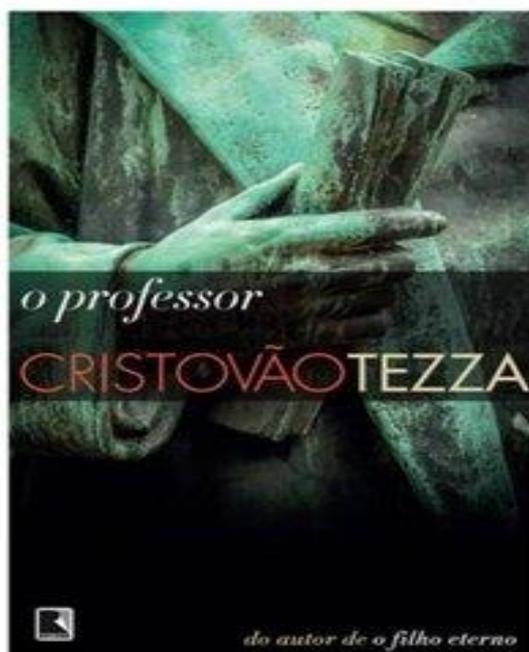
consumindo continuamente. O escritor consome experiências e vivências – emoções, linguagem, memória – e produz o texto, fruto de um complexo sistema de opções determinado por seus valores. O leitor também consome e produz no ato da leitura: consome o texto objetivado pelo escritor e produz significações para o mesmo.

Como um resultado de escolhas, tanto autor quanto leitor, a partir de suas experiências e vivências, constroem as representações do real, de acordo com dada concepção de mundo. Portanto, o discurso não é neutro.

REFERENCIAL TEÓRICO

Sabemos que as informações contidas nas capas de livros e/ou revistas são fundamentais para a compreensão dos textos que veiculam pois podemos trabalhar e identificar a capacidade de antecipação de conteúdos, a capacidade de realização de inferências (ler nas entrelinhas), levantamento e posterior confirmação de hipóteses.

Não são consideradas, dessa forma, meramente a formatação da linguagem (a linguagem como forma de interação está centrada no indivíduo e o meio social em que ele está inserido) mas os recursos gráficos utilizados (tratamento de relevo, descrições imagéticas, aspectos de sofisticação em que a foto se completa na contracapa, enfim, como o design gráfico que é apresentado).



Tais paratextos, ou seja, as relações transtextuais na concepção de Gérard Genette, concorrem para elucidar melhor sobre a temática, formatação e alegorias presentes na obra de qualquer autor e retomam o texto como força discursiva. Assim, a capa do livro de Cristovão Tezza nos remete à diplomação do Professor Heliseu bem como a sua diplomação – o que pode ser ressaltado na reprodução acima.

Observada dessa forma, é necessário que se resgate esses e outros personagens Professores e Educadores, para nos espelharmos e procurar ir além de suas limitações, buscando um intercâmbio interdisciplinar, a partir de textos teóricos da educação e textos literários e que o Professor - Educador sensibilize seus pares para a qualidade de ensino, tão importante nos dias de hoje. Também as instituições educacionais deveriam incentivar a prática da Literatura, sendo o ponto de partida para formação do leitor de modo geral e da leitura prazerosa sem se desvincular do modo de produção ou do contexto a que estão inseridas.

Escrever a respeito da figura da professora, em tempos idos, idade romântica, parece mais complexo do que se pode imaginar e, certamente a complexidade aumenta quando o parâmetro para a definição parte do princípio de que é aquele que tem o papel de ensinar. E ensinar de forma empírica, sem o aporte teórico, de forma intuitiva. Este artigo é um recorte de obras da literatura brasileira, em especial o romance *Til* (1872), do autor romântico José de Alencar (1829-1877), que apresentam protagonistas como personagens professores, incluindo métodos de ensino e como se desenvolveu o processo histórico da educação brasileira além de uma visão parcial de um professor frente a sala de aula em idos de reclusão e censuras morais (*O Ateneu*, de Raul Pompéia; *Cazuza*, de Viriato Correa; *Sítio do Pica-pau Amarelo*, de Monteiro Lobato; *São Bernardo e Infância*, de Graciliano Ramos; ou *Menino de Engenho* e *Doidinho*, de José Lins do Rego ou *Uma professora muito maluquinha*, de Ziraldo. Outras menções estariam em Clarice Lispector (*Os desastres de Sofia*), Cora Coralina (*A escola de mestre silvinha & O beco da escola* – In: *Poema dos Becos de Goiás e estórias mais*) ou Guimarães Rosa e tantos outros).

O teórico Larrosa (1998) afirma que a forma de trabalhar o aspecto da lição na sala de aula ou outro ambiente em que se assemelhe, é de extrema importância. É na sala de aula (ou ambiente que o valha!) que se desenvolve uma íntima relação de amizade entre o professor, livro, a lição e o aluno, deixando que os significativos gestos

de liberdade se valendo de um instrumento de grande peso que é a palavra possam romper os caminhos desbravando os conhecimentos que surgem durante o processo ensino-aprendizagem.

No processo dialético entre texto e leitura, às vezes, é difícil a um leitor elaborar significações próximas às imaginadas pelo autor, tendo em vista os diferentes tipos de experiências pessoais e sociais. Escritor e leitor trabalham produzindo e consumindo continuamente. O escritor consome experiências e vivências – emoções, linguagem, memória e produz o texto, fruto de um complexo sistema de opções determinado por seus valores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O leitor também consome e produz no ato da leitura: consome o texto objetivado pelo escritor e produz significações para o mesmo. Observada dessa forma, é necessário que se resgate esses e outros personagens Professores e Educadores, para nos espelhamos e procurar ir além de suas limitações, buscando um intercâmbio interdisciplinar, a partir de textos teóricos da educação e textos literários e que o Professor - Educador sensibilize seus pares para a qualidade de ensino, tão importante nos dias de hoje.

Também as instituições educacionais deveriam incentivar a prática da Literatura, sendo o ponto de partida para formação do leitor de modo geral e da leitura prazerosa sem se desvincular do modo de produção ou do contexto a que estão inseridas. Certamente, não se pode definir o ser professor com tons de que é aquele que tem a missão de ensinar ou ainda de que só pode ser professor aquele que é vocacionado para tal, mas aquele que por opção e ou por oportunidade abraça fazer a diferença onde está inserido profissionalmente.

Todas as obras literárias evocadas provocam interpretações de diversas levando ao leitor a repensar o papel da professora ou do professor em épocas priscas ou atuais, pois, sabemos que a literatura reflete a realidade e influencia no nosso letramento também. A obra de Cristóvão Tezza torna-se o resumo dessa comunicação: um Professor Universitário, ao longo de sua lembrança acerca da educação, lembra de sua carreira no magistério, durante períodos de formação extremamente caóticos à Educação.

E ele utilizou a formação literária, poética, artística ou humanizadora, através do esboço mneumônico de seu discurso frente a uma homenagem universitária, jamais envelheceu, não utilizou de romantização da carreira docente e continuará sendo a melhor orientação para descobrirmos novos rumos espelhando-se na literatura. Na fábula enredada de um Professor de Filologia românica, de cursos de Licenciatura, . E o motivo é simples: somente sendo seres humanos poderemos retornar o antigo rumo: humanizar o ser humano.

É um exemplo do modelo, imagem e memória de professor ressignificado e humanizado nas páginas de um romance da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BRAIT, B. Bakhtin, *Dialogismo e Construção de Sentido*. Campinas: Unicamp, 1997. CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1974.
- DREYFUS, H. & RABINOW, P. Michel Foucault: *Uma trajetória filosófica*. São Paulo: Forense Universitário, 1995.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, 376 p.
- LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana – Danças, piruetas e mascaradas*. Porto Alegre: Contrabando. 1998.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *A narrativa contemporânea*. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia. das Letras, 2016. p. 85-252.
- SEVERINO, A. J. (2000). “A nova LDB e a política de formação de professores: um passo à frente e dois atrás In: FERREIRA, N. S. C. e AGUIAR, M. A. da S. (orgs.). *Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos*. São Paulo: Cortez.
- STEPHANOU, Maria & BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2004. (Volume 1)
- TEZZA, Cristovão. *O Professor*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

